

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XII, Nº 05 – 2008, MAIO

Assinatura até Dezembro de 2008: 7 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Juventud, sueño audaz! ¡La sed empieza cuando acaba la fuente de belleza, como empieza la vida cuando el aura vital desvanecida se pierde en su maldad o en su flaqueza!
Escucha. ¿La memoria es barbarie fatal, o cierta gloria?
– Memoria es un taller de la existencia que en sangre cobra el precio de su ciencia.

José Julián Martí 1853-1895, Poemas escritos en España
José Martí Poesía Completa, Tomo II,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Rasguei o teu retrato em pedacinhos, também as cartas, sem as ler de novo, sem rumo, fiz das ruas meus caminhos e caminhei, sem medo, junto ao povo. Eu, que de um sonho nunca me demovo, domei meus sentimentos mais mesquinhos: ramada seca à espera de um renovo que superasse a sanha dos espinhos. Tudo ilusão! Ninguém secou meu pranto enquanto andei por uma eternidade: Voltei sem fé nenhuma, em nenhum Santo... Voltei? Não era eu... Na realidade, morri em cada rua, em cada canto... Quem volta é só um fantoche da saudade. Divenei Boseli, Voltei	Se quiseres partir, vai logo agora! Não tentes desistir, pois nada pára. O generoso tempo tudo sara. Apaga de quem fica ou vai embora, a dor que na alma inteira se escancara. Mesmo sabendo que isto me apavora, vou sufocar meu coração, por ora. A dor da perda a nada se compara, mas podes ir! Se não voltares mais, aos poucos secarei meus tristes ais. Talvez para nós dois, seja melhor. De ti jamais, eu guardarei pesares. Podes partir, para onde desejares, mas tua imagem guardarei de cor!... Analice Feitoza de Lima, O Tempo Resolve	Não me chames agora... Agora não! O meu peito está cheio de esperança; de ansiedade transborda o coração! Envelheço... e me sinto uma criança... Não me chames ainda... Ainda não! De repente, a labuta não me cansa, piso leve e sem dor... como se o chão fosse musgo... e meu passo fosse dança... Não me chames ainda... Sou menina neste mundo esquisito, que fascina, onde sorrio e vou roncando os ais... Não me chames ainda... Não ainda, desta vida inconstante, triste e linda! Quero apenas sofrê-la um pouco mais!... Janske Niemann Schlenker, Ó Deus!
Fanal 0804 Rua Álvares Machado 22; P, CEP 01501-030 – São Paulo, SP: fone (011) 2212-0193		

Para não se ver omissa com tantos injustiçados, é que a estatua da justiça tem os seus olhos vendados. Argemira Fernandes Marcondes, 0803: O Patusco, Caixa Postal 95 61600-000 – Caucaia, CE	A boa sorte e a fortuna são namoros de momento, são as areias da duna que fogem com qualquer vento. Alba Christina Campos Netto, 0804, Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP	O maior encanto dentre os que a mulher pode ter é agasalhar no ventre o filho que vai nascer. Francisco Pessoa Versos Diversos 1 www.trovauniversos.hpgvip.com.br	Eu te agradei todo dia e te faço galanteio na forma de poesia enviada pelo correio. Lola Prata, Verão 2008, LInteratura, Praça Francisco Rezende Costa 283 35500-427 – Divinópolis, MG	Diz o demo, ao passar mal: – As chamas, já não governo... O aquecimento global fez do meu lar... um inferno!!! Therezinha Dieguez Brisolla, 0802 Sem Limites, R.ua Agenor Meira 14-73 17015-301 – Bauru, SP	No palco da madrugada, há uma cena que me encanta: o cantar da passarada enquanto o sol se levanta. Zenaide Braga Marçal, 0804 Trovaledge, Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG
--	--	--	---	--	---

Folha de malva o orvalho a acaricia e cai perfumado. Clície Pontes	Frio leve de outono os chinelos de veludo abramas meus pés. Estela Bonini	Saboreando caqui leio versos de Shiki vai-se pondo o sol! Lituka Simizo	Desafia o vento entre galhos desfolhados último abacate. Maria G. Kolimbrowsky	Os grilos cantam apenas do meu lado esquerdo – estou ficando velho. Paulo Franchetti	Magra a colheita – afunda-se em terra seca a dor do lavrador. Sérgio Dal Maso	No jardim alegre os cosmos, ao vento, tremem entre outras boninas. Tomoko Narita, Sabiá
H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996						

TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

Esquecido o alçaço no mato. Pássaro morto. Agostinho José de Souza	Montado em seu baio, percorre a invernada. Dia do Campeiro. Cecy Tupinambá Ulhôa	Crianças no rio, saltam gritos de alegria. Água transparente. Djalda Winter Santos	No quintal da casa entre rosas multicores, quiabo viceja! Elen de Novais Felix	Rósea linda cor ornando pautas dos ramos – trapoeraba em flor. Fernando L. A. Soares	Boizinho extraviado põe tristeza nos olhares... Dia do Campeiro. Leonilda Hilgenberg Justus	Reserva ecológica. Ao redor de um olho-d'água medra a trapoeraba. Roberto Resende Vilela
---	---	---	---	---	--	---

HAICUS EM FOLHA

Noite na fazenda o barulhinho dos grilos adormece o gado. F Alba Christina	Pelo chão da praça o vento esparrama flocos paineira despida. H Alba Christina	Só sombras e vultos, na cidade que desperta. Forte nevoaça. A Amália Marie Gerda	Noite enluarada e a sinfonia dos grilos, sob um céu de estrelas... E Amália Marie Gerda	Na sacada escura, um grilo faz serenata e desperta a lua. H Amália Marie Gerda	Um cricri sem fim. Quebra o silêncio da tarde grilo cantador. H Analice Feitoza de Lima	Os faróis dos carros vêm rompendo a nevoaça, ao longo da estrada. H Analice Feitoza de Lima
Na praça algazarra. Passarinhos fazem festa na paineira em flor. R Analice Feitoza de Lima	Em meio à campina, desprendendo flocos brancos, frondosa paineira. C Angélica Villela Santos	Noite de luar. Sibila, insistente, um grilo. E quebra o silêncio. R Angélica Villela Santos	Garoto procura, no meio dos galhos secos, o grilo cantor. A Argemira F. Marcondes	A sombra na estrada refresca e mostra a beleza da paineira em flor. R Argemira F. Marcondes	O dia escurece devido a grande nevoaça que cobre a cidade. V Argemira F. Marcondes	O cachorro some em meio à nevoaça. Latidos ao longe... H Darly O. Barros
Abro as janelas para a visão colorida da paineira em flor. V Darly O. Barros	Nevoaça. Acidente na estrada. Chegou ambulância. V Flávio Ferreira da Silva	É noite no sítio. Minha avó me conta histórias e assusta-me o grilo. O Franciela Silva	Menino de rua – sob a sombra da paineira, roda, roda o pião... H Iraí Verdan	Grilo equilibrista – de cabeça para baixo, saboreia a folha. H Iraí Verdan	Nevoaça espessa, esconde as curvas da serra – Estrada Imperial. V Iraí Verdan	Vista da janela nevoaça cobre os picos. Muralha de Santos. V Nadyr Leme Ganzert
Nevoaça. Ao longe, montanhas sem contornos. H Neuza Pommer	Em sua florada o verde da paineira se enfeita de rosa! H Neuza Pommer	Manhã de domingo: a nevoaça encobrindo as flores do campo. H Renata Paccola	Grilo saltitando procura seu alimento no meio das folhas. R Renata Paccola	Ruela deserta. Pelos vastos do silêncio, o cricri do grilo. C Roberto Resende Vilela	Faróis de neblina e limpadores ligados. Nevoaça no vale. F Roberto Resende Vilela	No fundo da grota, sombreia o manancial o pé de paineira. V Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.
O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só persistindo. Vamos lá, comece já!
Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos.*

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.05.08, quigos à escolha: Coriza, Primavera próxima, Rio Minguante.
Remeter até 30.06.08, quigos à escolha: Filhote de gato, Palma, Piquenique.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP
mfmenendez@superig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
- Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lava, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Não deixes para amanhã o que puderes fazer agora. Não deixes para amanhã o que puderes fazer agora. Não deixes para amanhã o que puderes fazer agora.

TREVOS À MODA OCIDENTAL, TREVOS PERSONAGEM E OUTROS

Para se alegrarem,
no Dia da Abolição,
tocam os tambores.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Os aviões nos ares,
é Dia da Aeroção:
são anjos das nuvens...
Djalda Winter Santos

É Dia das Mães...
Ternura, flores, abraços...
alguns de joelhos...
Ercy Maria Marques de Faria

Olhar fixo.
Boca salivante
laranja-pêra.
Flávio Velasco

Salgueiro em desfolha,
na margem do riozinho.
Um lindo espetáculo.
Mª Marlene N. T. Pinto

Para festejar
o Dia da Cruz Vermelha,
solidariedade.
Renata Paccola

Ao sabor da brisa
folhas voejam de carona:
salgueiro em desfolha!
Shinobu Saiki

BUGIO MOQUEADO

José Bento de Monteiro Lobato (18.04.1886-04.07.1948) – Obras Primas do Conto Fantástico, Jacob Penteadó; Livraria Martins Editora, 1966

– Uno!
Ugarte...
– Dos!
Adriano...
– Cinco...
Vilabona...
– ...
Má colocação! Minha pule é a 32 e já de saída o azar me põe na frente Ugarte... Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem estragou o jogo. Querem ver que também me estraga nesta?
– *Mucho*, Adriano!

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o saque, e lá está Ugarte com um ponto já feito. Entra Genua agora? Ah, é outro ponto para Ugarte. Mas quem sabe se com uma torcida...
– *Mucho*, Genua

Raio de azar! Genua “malou” no saque. Entra agora Melchior... Este Melchior às vezes faz o diabo. Bravos! Está agüentando... Isso, rijo! Uma cortadinha agora! *Bueno! Bueno!* Outra agora!... Oh!... Deu na lata! Incrível...

Se o leitor desconhece o jogo da pelota em cancha pública – Frontão da Boa-Vista, por exemplo, – nada pescará desta gíria, que é na qual se entendem todos os aficionados que jogam em pules ou “torcem”.

Eu jogava, e portanto falava e pensava assim. Mas como vi meu jogo perdido, desintressei-me do que se passava na cancha e pus-me a ouvir a conversa de dois sujeitos velhucos, sentados à minha esquerda.

“... coisa que você nem acredita, dizia um deles. Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a mártir, branca que nem porta, diante do horrendo prato...”

“Horrendo prato?” Aproximei-me dos velhos um pouco mais e pus-me de ouvidos alertas.

“– Era longe a tal fazenda, continuou o homem. Mas lá em Matogrosso tudo é longe. Cinco léguas é “ali”, com a ponta do dedo. Este troco miúdo de quilometro que vocês usam por cá, em Mato Grosso não tem curso. É cada estirão...”

“Mas fui ver o gado. Queria ver o gado. Queria arredondar uma ponta para vender em Barretos, e quem me tinha os novilhos nas condições requeridas, de idade e preço, era esse coronel Teotônio, do Tremedal.

“Encontrei-o na mangueira, assistindo à domaço dum potro – zaino, ainda me lembro... E, palavra d’honra! não me recorde de ter esbarrado nunca tipo mais impressionante. Barbudo, olhos de cobra, muito duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei comigo: Dez mortes no mínimo. Porque lá é assim. Não há *soldados rasos*. Todo mundo traz *galões*... e aquele, ou muito me enganava ou tinha divisas de general.

“Lembrou-me logo o célebre Pãfilo do Rio Verde, um de “doze galões”, que “resistiu” ao tenente Galinha e graças a esse benemérito “escumador de sertões” purga a esta hora no tacho de Pedro Botelho os crimes cometidos.

“Mas, importava-me lá a fera! – eu queria gado, pertencesse a Belzebu ou São Gabriel. Expus-lhe o negócio e partimos para o que ele chamava a invernoada de fora.

“Lá, escolhi o lote que me convinha. Apartamo-lo e ficou tudo assentado.

“De volta do rodeio caía a tarde e eu, almoçado às oito horas da manhã e sem café de permeio até aquel’ hora, chياva numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsa inspirada pelo urutu humano não lhe rejeitei o jantar oferecido.

“Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janelas, mal iluminado, mal arejado, desagradável de aspecto, e por isso mesmo toante, na perfeição, com a cara e os modos do proprietário. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz muito bem o povo. A sala de jantar semelhava a uma alcova. Alem de escura e abafada, recendia a um cheiro esquisito, nauseante, que nunca mais me saiu do nariz – cheiro assim de carne mofada...
“Sentamo-nos à mesa, eu e ele, sem que viva alma nos surgisse a fazer companhia. E como de dentro não viesse rumor algum, concluí

que o urutu morava sozinho – solteiro ou viúvo. Interpelá-lo? Nem por sombras. A segura ea má cara do facinora não davam azo à mínima expansão de familiaridade; e, ou fosse real ou efeito do ambiente, pareceu-me ele ainda mais torvo em casa do que fora em pleno sol...
“Havia na mesa feijão, arroz e lombo, alem dum misterioso prato coberto em que se não buliu. Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio e mofo, pus de lado o nariz, achei tudo bom e entrei a comer por dois.
“Corriam assim os minutos.
“Em dado momento o urutu, tomando a faca, bateu no prato três pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei eu. Esperou um bocado e, como não aparecesse ninguém, repetiu o apelo com certo frenesi. Atenderam-no desta vez. Abriu-se devagarinho uma porta e enquadrou-se nela um vulto branco de mulher.
“Sonâmbula?
“Tive essa impressão. Sem pingo de sangue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadavérica, dir-se-ia vinda do tumulto naquele momento. Aproximou-se lenta, com passos de autômato, e sentou-se de cabeça baixa.
“Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabólico do urutu, aquela morta-viva morre-morrendo a meu lado, tudo se conjugava para arripiar-me as carnes, num calafrio de pavor. Em campo aberto, não sou medroso – ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em cena o mistério? Ah! – bambeio as pernas e tremo que nem geléia! Foi assim naquele dia...”

“Mal se sentou a morta-viva, o marido, sorrindo, empurrou para o lado dela o prato misterioso e destampou-o amavelmente. Dentro havia um petisco preto, que não pude identificar. Ao vê-lo, a mulher estremeceu, como horrorizada.
“– Sirva-se! disse o marido.
“ Não sei porque, mas aquele convite revelava uma tal crueza que me cortou o coração com navalha de gelo. Pressenti um horror de tragédia, dessas horrosas tragédias familiares, vividas dentro de quatro paredes, sem que de fora ninguém a suspeite. Desd’af nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios sem que os imagine povoados de dramas horrendos. Falam-me de hienas. Conheço uma: o homem...”

“Como a morta-viva permanecesse imóvel, o urutu repetiu o convite em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.
“– Sirva-se, faça o favor!” E fignando ele mesmo a nojenta coisa, colocou-a gentilmente no prato da mulher.
“Novas tremuras agitaram a mártir. Seu rosto macilento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente elétrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupilas vítreas e ficou assim uns instantes, como à espera dum milagre impossível. E naqueles olhos de desvario li o mais pungente grito de socorro que jamais a aflição humana calou...”

“O milagre não veio – infame que fui! – e aquele lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de pálpebras. Os tiques nervosos diminuíram de freqüência, cessaram. A cabeça descaiu-lhe de novo para o seio; e a morta-viva, revidada um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo sonâmbulico.
“Enquanto isso, o urutu espiava-nos de esguelha, e ria-se por dentro, venenosamente...
“Que jantar! Verdadeira cerimônia fúnebre transcorrida num escuro cárcere da Inquisição. Nem sei como digeri aqueles feijões!
“A sala tinha três portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, a terceira para a despensa. Com os olhos já afeitos à escuridão, eu divisava melhor as coisas; enquanto aguardávamos o café, corri-os pelas paredes e pelos moveis, distraidamente. Depois, como a porta da despensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ela adentro. Vi lá umas brancuras pelo chão – sacos de mantimentos – e, pendurada a um gancho, uma coisa preta que me intrigou. Manta de carne seca? Roupa velha? Estava eu de rugas na testa a decifrar a charada, quando o urutu,

percebendo-o silvou em tom cortante:
– “É curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...”
“Vexadíssimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engolir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso, o homem, depois de uma pausa, continuou, entre manso e irônico:
– “Coisas da vida, moço. Aqui, a patroa, pela-se por um naco de bugio moqueado e ali dentro há um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço?
– “Nunca! Seria o mesmo que comer gente...
– “Pois não sabe o que perde!... filosofou ele, como um diabo, a piscar os olhos de cobra.
Neste ponto o jogo interrompeu-me a história. Melchior estava colocado, e Gaspar, com três pontos, sacava para Ugarte. Houve luta, mas um “camarote” infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. “Pintou” a pule 13, que eu não tinha. Jogo vai, jogo vem, “despintou” a 13 e deu a 23. Pela terceira vez, Ugarte estragava-me o jogo. Quis insistir, mas não pude. A história estava no apogeu e antes “perder de ganhar” a próxima quiniela do que perder um capítulo da tragédia. Fiquei no lugar, muito atento, a ouvir o velhote.
– “Quando me vi na estrada, longe daquele antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira. “Aqui, nunca mais! Credo!” e abri de galopada pela noite adentro.
“Passaram-se anos.
“Um dia, em Três Corações, tomei a serviço um preto de nome Zé Esteves. Traquejado da vida e sério, meses depois virava Esteves a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma comissão de confiança, não havia outro. Negro quando acerta de ser bom vale por dois brancos. Esteves valia por quatro.
“Mas não me bastava. O movimento crescia e ele sozinho não dava conta. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o valesse, perguntei-lhe, uma vez:
“Não teria você, por acaso algum irmão de sua força?
– “Tive, respondeu o preto, tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...
– “De que morreu?
– “De morte matada. Foi morto a rabo de tatu... e comido.
– “Comido? repeti com assombro.
– “É verdade. Comido por uma mulher.
A história complicava-se e eu, apavilhado, esperei a decifração.
– “Leandro, continuou ele, era um rapaz bem apessoado e bom para todo serviço. Trabalhava no Tremedal, num fazenda em...
– “... em Mato Grosso? Do coronel Teotônio?
– “Isso! Como sabe? Ah, esteve lá!... Pois dê graças de estar vivo; que entrar em casa do carrasco era fácil, mas sair? Deus me perdoe, mas aquilo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabu do canhoto botou no mundo!...
– “O urutu... murmurei, recordando-me. Isso mesmo...
– “Pois o Leandro – não sei que intrigante malvado inventou que ele... que ele, com perdão da palavra, andava com a patroa, uma senhora muito alva, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, só Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduinha, aquela mulata amiga do coronel. Mas, inocente ou não, o caso foi que o pobre Leandro acabou no tronco, lhanhado a chicote. Uma novena de martírio – *lepte lepte!* E pimenta em cima... Morreu. E, depois que morreu, foi moqueado.
– “???”
– “Pois então? Moqueado, sim, como um bugio! E comido, dizem. Penduraram aquela carne na despensa e todos os dias vinha à mesa um pedacinho para a patroa comer...
Mudei-me de lugar. Fui assistir ao fim da quiniela, a cinquenta metros de distância. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, por mais que olhasse a cancha, não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu a pule 13...”

Pedofilia na Igreja? Como, Vossa Santidade, só agora isso chegou a vossos castos ouvidos? Millör (Veja 30.04.08)

Que saudades do passado:
– quem roubava era bandido,
– o quilo era mais pesado,
– e cada metro mais comprido!

Desde pequenino o Andrada se mostra um tanto burrinho. Inda acha que alma penada tem que ser de passarinho.

Vencido e infeliz, Raimunda, confessar-te, triste, eu venho: – quanto mais a carne abunda, tanto menos fome tenho!

Que me importa a alta maré, ou se a praia é rasa ou funda! Para mim sempre dá pé se o fio dental abunda!

Cedes a um velho a frescura de um viço jovem, sorrindo! – De que vale a fonte pura se o prazer da sede é findo?

Como velho motorista vou dar minha opinião: – pior que animal na pista é um burro na direção.

Pequena, dois não comporta a casa da Gabriela. Marido entra pela porta alguém sai pela janela.

E a baleia ponderada ensina às filhas glotonas: – jamais em boca fechada entrará o profeta Jonas!

Menina, dou-te o que exiges e mais darei, se quiseres! Mas com teus dengos me afliges... – não é mole o que tu queres!

Não canso de gargalhar das ironias da vida: – como é fácil de se achar a mulher que está perdida!

Diz o guarda ao namorado: – use também a outra mão! Retruca o moço avançado: – quem segura a direção?

– Filho, teu livro procura! Estuda, a glória te espera com mil beijos de ventura! – Não pai! Glória não, é a Vera!